

ENTRE SALINAS E MALEDICÊNCIAS: CONFIGURAÇÕES DA LINGUAGEM NO ROMANCE *MACAU*

Maria Aparecida de Almeida Regoⁱ (UFRN)
Humberto Hermenegildo de Araújoⁱⁱ (UFRN)

Resumo:

Apresentação e análise dos papéis sociais exercidos pelas personagens do romance Macau (1934), do escritor norte-rio-grandense Aurélio Pinheiro, a partir das configurações da linguagem como representação do processo de modernização social. Um dos aspectos marcantes diz respeito aos papéis sociais das personagens e a linguagem que esses exercem, pois apresentam multiplicidade de discursos. A análise tem como pressuposto teórico e suporte metodológico os estudos de Candido (2012), e as teorias de Benjamin (1985) e Bakhtin (2010) que apresentam respectivamente a contextualização da literatura brasileira, a problemática das narrativas modernas e as questões estéticas do romance. Considera-se o contexto da publicação, os anos 1930, assim como a incipiente tradição do romance local, fatos que tensionam a discussão da narrativa cujo enredo se desenvolve nos limites de uma cidade nordestina, Macau-RN.

Palavras-chave: Romance *Macau*; Papéis sociais; Linguagem.

1. Introdução

O romance, como um sistema harmônico, é um dos gêneros da prosa que acolhe diversas vozes (narrador e personagens), seja em situação de consonância, seja em posição de dissonância. Essa harmonia interna do gênero exige um contexto social onde ressoa o diálogo, por meio da multiplicidade de linguagem (cf. BAKHTIN, 2010). É em tal contexto que se dá a disposição dos elementos em confronto; por exemplo, as representações de um presente que se estabelece diante de um passado ainda influente.

Para compreender o presente, é preciso voltar ao passado e entender algumas motivações imprescindíveis na formação de uma história repleta de dominação e resistência, de permanência e mudança, relações existentes entre os elementos da tradição e os elementos da modernidade, em que estão implícitas as configurações da linguagem (cf. BENJAMIN, 1985).

Na dinâmica do movimento modernista brasileiro, a maioria dos romances regionalistas do decênio de 1930 presentifica uma crítica às velhas estruturas que resistem à formação de uma atitude renovadora. Para Antonio Candido, o romance escrito naquele decênio apresentava “uma visão crítica com um acentuado realismo na linguagem” (CANDIDO, 1987, p. 204). Como exemplificação, o romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, apresenta personagens silenciadas para retratar o atraso da sociedade brasileira. A relação entre tema e linguagem comunica certa visão da sociológica da realidade mostrando engajamento político, religioso e cultural, além de aproximação com a estética da prosa realista da virada de século.

Naquele contexto da literatura brasileira, o romance do Nordeste representava a própria realidade da região. Os escritores, consciente ou inconscientemente, estavam imbuídos ideologicamente e a prosa se voltava às questões locais, com interesse pelas

expressões linguísticas tipicamente brasileiras ou que revelassem as desordens da região, bem como interesses pelos espaços geográficos com seus conflitos sociais e políticos. Esses romances sociais ou proletários - o chamado “romance de 30” - estão inseridos no sistema literário brasileiro, nos termos estabelecidos por Candido (2012), o que nos leva a refletir sobre eles como prática social inserida em um sistema pelo qual circulam autores, obras e leitores. Neste sentido, o romance *Macau* (1934), de Aurélio Pinheiro¹, situado no contexto das primeiras décadas do século XX, apresenta reflexos da relação de dominação e resistência, desde a fisionomia da cidade aos diálogos travados pelas personagens.

O enredo romanesco apresenta Macau, cidade do interior do Rio Grande do Norte, marcada economicamente pela riqueza das salinas e pelo atraso político. De início, acompanhamos o regresso do jovem bacharel Aluísio à sua terra natal, vindo do Recife/PE, onde adquiriu o título. Oriundo de família tradicional e de posse, seu destino profissional é assumir a promotoria da comarca, submetendo-se aos interesses do chefe político. Esses dados nos revelam as estruturas tradicionais existentes em muitas cidades provincianas até meados do século XX. No entanto, ao longo do enredo, o leitor toma conhecimento das motivações que levaram a personagem a tal submissão (falência financeira e debilidade física do pai levam o jovem a assumir a família) e acompanha a integridade moral e ética do jovem bacharel que encontrou na política coronelista obstáculos para exercer seu cargo. As mudanças do trajeto profissional do bacharel revelam, portanto, mudanças sociais modernizantes na dinâmica das tradições.

O romance é todo marcado por tensos rumores pessoais e políticos. Com a presença do bacharel, o rábula² encontra obstáculos, a fofoqueira destila maledicências, o chefe político vê-se recuado. O leitor acompanha histórias internas à principal, pequenas narrativas que dão conta da trajetória de algumas personagens. À medida que a trama se desdobra, o narrador apresenta o cenário natural das salinas, os lugares de sociabilização, como o Bilhar do Zezinho, o comércio, os bailes comemorativos, enfim, a dinâmica da

¹ Aurélio Waldomiro Pinheiro (1882 – 1938) nasceu em São José do Mipibú/RN, formou-se em Medicina na Bahia, clinicou em Macau/RN entre os anos de 1907 a 1910 onde se tornou colaborador do jornal *O Mossoroense*, publicando periodicamente crônicas. Em seguida, transferiu-se para o Amazonas/AM onde viveu até 1929 exercendo além da medicina o ofício de escritor colaborador de vários jornais com crônicas e contos. O médico/cronista/romancista, animado pelo amigo Coelho Neto, transferiu-se para o Rio de Janeiro com perspectivas de melhor espaço para desenvolver sua capacidade intelectual e ficcional. No Sul, as colaborações para revistas e jornais de todo o país tornaram-se mais assíduas, oportunidade em que exerceu também a atividade de tradutor de obras de autores ingleses, franceses, russos e austríacos. Faleceu em Niterói/RJ em 1938. Publicou os seguintes romances: *O Desterro de Humberto Saraiva* (1926), *Gleba Tumultuária* (1927), *Macau* (1934), *À margem do Amazonas* (1937) e *Em Busca do Ouro* (1938) e ainda o livro *Dicionário de Sinônimos da Língua Nacional* (sem data de publicação). Peregrino Júnior (1960) inclui Aurélio Pinheiro como escritor amazonense, por alguns de seus romances refletirem as influências do meio físico e social do Amazonas.

² O termo “rábula” (vocábulo depreciativo) servia para designar o profissional que, proveniente de pouca cultura, advogava sem diploma, obtinha a formação “prática” (FERREIRA, 2004). No Brasil, em comarcas distantes das capitais, até as primeiras décadas do século XX o rábula conseguia autorização de órgão competente para atuar. Isso acontecia em função do sistema político vigente no país.

cidade inclusive com instalação de empresas, laboratório químico e outros aspectos de desenvolvimento. Nessa teia narrativa, em que personagens interagem, revelam-se conflitos entre o ritmo de vida provinciano e o ritmo de vida de uma cidade em modernização.

Deste modo, este trabalho pretende investigar os papéis sociais exercidos pelas personagens como aspectos de modernização social a partir das configurações da linguagem que demonstram traços modernizantes. Para isso, serviram de eixo os estudos de Mikhail Bakhtin para analisarmos dialogicamente o discurso em sua relação social concreta, os estudos de Antonio Candido que apresentam a literatura dentro de uma perspectiva história inserida em um sistema literário nacional e os estudos de Walter Benjamin que estabelecem uma relação entre prática política e atividade narrativa considerando o homem como sujeito histórico.

2. Representações da linguagem nas tensões sociais provincianas

O estudo da linguagem de romance requer, além da análise dos seus elementos estilísticos, uma discussão sobre a orientação dialógica interna entre as linguagens das personagens e a orientação ideológica externa entre a obra e seu tempo. Em *Macau*, não é à toa a presença de um bacharel que vai atuar em uma cidade administrada por um chefe político indicado pelo governo. Observamos então as relações entre essas personagens e entre o momento em que a obra foi escrita. A década de 30 do século passado foi marcada por rompimentos no processo político e econômico, processos nos quais o poder dos coronéis estava sendo repudiado.

Os lugares de fala em *Macau* distinguem-se metodologicamente pelos conteúdos temáticos e sócio-ideológicos. As falas podem ser confrontadas, se opor, se complementar e até se corresponder ideologicamente e todas penetram no plano do romance. Para Eagleton (2011, p. 51) “o romance revela em sua própria forma um conjunto modificado de interesses ideológicos” em que o escritor desempenha um papel social. Agripino Grieco (1935) já chamava a atenção para a efervescência da micro-humanidade presente em *Macau*, até mesmo as personagens ditas de segundo plano.

A chegada do Bacharel cria expectativa em toda a cidade e a mãe, D. Anunciada, juntamente com os amigos, prepara uma recepção. Uma das pessoas que foi recepcionar o novo doutor foi o Coronel Teotônio, sujeito que exercia a função de rábula por mais de uma década em Macau e em toda a região. Este profissional, que se considerava linguisticamente superior em relação aos macauenses que não tinham formação, faz um discurso enfadonho, carregado de frases arrebicadas para impressionar o público e ao mesmo tempo provocar uma resposta do novo bacharel a fim de sentir o poder discursivo deste, confirmando para a análise o ponto de vista teórico da assertiva de Bakhtin (2010, p. 100) segundo a qual “todas as palavras e formas são povoadas de intenções”. No entanto, o discurso do rábula, na maioria das vezes, não passa de uma compreensão passiva, reproduz discursos já ditos, tenta adquirir o letramento jurídico através da memorização de vocábulos e seu discurso fica sem envolvimento, sem profundidade, apenas no significado superficial dos vocábulos que decora para transmitir a ideia de uma boa oratória.

Como resposta, Aluísio faz um discurso simples, objetivo e em poucas palavras expressa seus agradecimentos. Entretanto, a brevidade quebra as expectativas do público

que, segundo as relações sociais preestabelecidas, esperava de um doutor uma oratória eloquente. Esse fato é motivo para iniciarem as maledicências envolvendo o recém-chegado, a ponto de alguns o acusarem até de ter comprado o diploma.

Uma sociedade marcada por relações de poder, cobra do indivíduo as representações desses papéis. Sobre isso, DaMatta (1997, p. 198) afirma que “somos muito mais substantivamente dominados pelos papéis que estamos desempenhando do que por uma identidade geral”. A postura de Aluísio rompe com a tradição que usava a titulação de Doutor não como representação de uma formação que possibilitava desempenhar uma profissão, mas como representação hierarquizante de instituições de poder.³

Neste momento, identificamos no campo do discurso a primeira tensão entre a tradição coronelista vigente na cidade representada pelo rábula e o novo sistema político-social representado pelo bacharel. Aluísio faz uma reflexão sobre sua função em uma terra na qual falta consciência ao homem, em que discursos arrebatadores de aplausos têm mais valor que o conhecimento: “que poderá fazer um advogado opositor numa terra em que não há oposição, nem civismo, nem dignidade, nem vergonha, dominada há mais de vinte anos por uma família?” (PINHEIRO, 2000, p. 78).

Outro momento de conflito social corresponde aos preparativos para o primeiro julgamento que Aluísio assumirá desde que se tornou promotor da comarca de Macau. Em oposição estará o rábula na defesa do réu, contudo não é o destino do criminoso que ocupa as conversas nas calçadas, mas o rumo político da cidade. Até aquele momento, este advogado vinha obtendo sucesso no tribunal da cidade, em virtude do então fortalecimento dos coronéis, sistema do qual fazia parte. Uma de suas práticas era ir conversar com os promotores antes do julgamento para impressioná-los alegando ter provas indiscutíveis. Suas palavras não eram alheias, o objetivo era provocar, desestruturar o promotor. Porém, com Aluísio foi diferente porque não conseguiu persuadi-lo e, ao contrário, ganhou como réplica um ensinamento:

E como amigo, Theotônio – veja bem –, como amigo, aconselho-o a abandonar a veleidade de discutir Direito comigo. A sua interpretação do Código Penal é de coronel que aprendeu um pouco de Português e Aritmética nas escolas primárias do Seridó. Defenda o seu constituinte como quiser, mas não tenha a petulância de falar em Direito na minha presença; a não ser para pedir-me lições. Compreendeu? [...] – Não julgue! Abandone a perigosa vaidade de dominar e ensinar bacharéis. Quase todos os rábulas têm essa mania imbecil. Já é tempo de mudar de rumo, Theotônio. Cuidado! E lembre-se de que recebeu hoje, neste gabinete, um conselho valiosíssimo! (PINHEIRO, 2000, p. 98-99).

A fala de Aluísio denuncia o enraizamento do coronelismo no Seridó e a precária formação que o rábula obteve. Nessa perspectiva, o romance vai apresentando um processo

³ Lima Barreto, no romance *Os Bruzundangas* (1917) denuncia a ambição pelo uso dos títulos “quando vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, é ser grande médico, é ser doutor”. O título de Doutor era dado aos filhos dos coronéis que iam estudar fora.

de mudança e a carreira profissional do provisionado encontra fortes obstáculos que o destruiriam sem piedade.

O julgamento revela-se como uma marca de intensa inquietação não só na cidade, mas também no sertão. O bilhar do Zezinho, espaço de jogo da aristocracia macauense, é apresentado como espaço de sociabilidade coletiva em que alguns discutem e apostam sobre o “torneio oratório”. Esse torneio representa um momento tenso na dinâmica da cidade porque o discurso normativo racional estava apresentado como poder de decisão, não mais a violência, como nos tempos dos jagunços. Em virtude do julgamento, o casarão da Intendência Municipal fica lotado e as pessoas que se fizeram presentes na sessão trajavam as vestimentas mais luxuosas, o auditório representava “a essência intelectual e social da cidade” (PINHEIRO, 2000, p. 103).

Com a vitória do bacharel, a cidade continua em total agitação e um baile é oferecido por Mariano Monteiro (primo de Dr. Aluísio) para solenizar “a vitória da ciência sobre o charlatismo!” (PINHEIRO, 2000, p. 107). A conquista do promotor representa, antes de tudo, mudança no percurso histórico, derrota do rábula, novo sistema judicial na cidade, orientado pela presença do bacharel que não está mais a serviço dos coronéis. O resultado dessa sessão se espalhou com muita facilidade por toda a região. Percebemos, então, que a ligação do município de Macau com outras cidades, não era apenas geográfica, mas também de direcionamento do modo de pensar, influenciando na mudança de mentalidade, com a desmoralização da figura do rábula.

Outra tensão entre as relações de poder presentes no romance é percebida nos diálogos de algumas personagens (o rábula, o bacharel, o chefe político, a fofoqueira, o médico e um comerciante), a partir de uma maledicência criada por Angelina no episódio em que o chefe político cria um processo contra José Ribeiro (amigo do promotor), em nome de Joaquim Caetano⁴. Quando Oliveira (o chefe político) volta da capital, a fofoqueira, com um discurso orientado aos horizontes do ouvinte, pede intercessão em favor do marido que havia recebido umas bofetadas de José Ribeiro, por haver defendido o chefe político de uma acusação. Obviamente, o ocorrido não se dera da forma como ela contou, mas como Angelina sabe que o Promotor é subordinado ao Chefe Político, cria essa situação para, indiretamente, atingi-lo. A estratégia linguística de Angelina representa uma relação dialógica, pois tende a orientar seu discurso para o círculo alheio de quem o recebe.

Oliveira, homem cético e elegante que sempre gostava de transmitir maneiras de um *gentleman*, não deixaria desprotegida uma senhora indefesa. Ao mesmo tempo, por sentir que sua autoridade não estava sendo respeitada por José Ribeiro, deseja impor seu poder e demarcar o espaço social que ocupa, nem que para isso tenha que atingir o promotor. Neste caso, o chefe político usa seu poder no âmbito pessoal porque foi ferido, porém, para tal justifica-se por ajudar uma pobre senhora e seu marido, pessoas “inferiores”. Assim, deixa a impressão de solidariedade a serviço do povo, em defesa de seus direitos. Igualmente, seu poder é representado tanto pelo cargo que ocupa quanto pela linguagem que o constrói.

⁴ Fiscal da Intendência e esposo de D. Angelina que “desde o primeiro dia do consórcio viu no marido apenas uma pobre alimária” (PINHEIRO, 2000, p. 118). Asmático, vivia em voltas de remédios e assume uma posição de submissão em relação à mulher.

A peça judicial seria preparada, Oliveira não apareceria nessa demanda sensacionalista, mas pagaria ao rábula para defender Joaquim Caetano e processar José Ribeiro por crime de injúria. Aqui a linguagem jurídica é apresentada na tentativa de imprimir uma correção social contra atos que ferem a lei.

Teotônio, homem indiscreto, não guarda segredo do plano e em poucos dias toda a cidade já tinha conhecimento do processo. Todavia, sempre pedia sigilo e para impressionar usava uma lista de sinônimos: túmulo, sepultura, catacumba, campa funérea, até chegar a um comerciante de couro o termo “sarcófago”. Por desconhecer o significado dessa palavra, o comerciante busca explicação com o médico Dr. Luis de Melo por ser ele uma pessoa esclarecida. A partir daí, o médico toma conhecimento do processo:

José Ribeiro ia ser preso; que o Oliveira dera dois contos de réis ao rábula, como honorários; que o Dr. Aluizio ia ser demitido por telegrama. Enfim, o resto: - Joaquim Caetano ia entrar no diretório do partido; toda a política tomaria um novo rumo, de absoluta, severíssima disciplina, e o Theotonio dera a entender, com uma precaução sutil, que iria para o congresso do estado nas próximas eleições. (PINHEIRO, 2000, p. 171).

Quando o comerciante Esperidião Barbosa descobre o que há por trás de uma simples palavra – sarcófago - fica irritado com a situação política de sua cidade e o leitor toma conhecimento de que as atitudes do rábula e de Oliveira revelam a trama política por troca de favores, por cordialidade e com perspectiva de projeção social.

O médico vai buscar esclarecimento com o rábula que confirma o processo, justifica ser seu trabalho e a necessidade de trabalhar para sustentar a família e, além do mais, o prestígio do Oliveira pode lhe abrir portas na política. E, para sensibilizar o médico, ainda usa o argumento da pobreza de seu gabinete e de sua casa serem a vontade de Deus. Entretanto, esse determinismo religioso não é aceito pelo clínico que culpa a falta de caráter e pobreza de espírito, além de desmoralizá-lo. O leitor percebe as estratégias linguísticas que o rábula usa conscientemente para manipular o discurso e subir na vida.

Ainda nessa tensão do processo, o médico pede esclarecimentos ao Oliveira. E durante a conversa, na rua, Oliveira dá um conselho:

- Olhe, Luís – abandone a política. Não se meta com essa serpente! Você não tem nada de domador de feras, e pode ser mordido!

[...]

- São coisas transcendentais, impalpáveis, fora do seu radiante espírito de bondade. Em política o mal é uma necessidade, uma espécie de condimento indispensável e picante. Só o mau homem poderá ser um bom político. A bondade, a condescendência, a justiça são qualidades negativas. Um sujeito com todos esses predicados maravilhosos será, talvez, um bom pai de família, nunca, porém, um dirigente de povos, nem mesmo, como eu, um medíocre chefe político. (PINHEIRO, 2000, p. 180).

Na visão de Oliveira, essa é a receita para ser um “bom político” e parte do pressuposto de uma sociedade inconsciente. Para o Dr. Luiz de Melo, pessoa elucidada, esse discurso veio como provocativo e, diante da situação, sente a necessidade de entrar para a vida política: “a arma que você maneja, com tanta arrogância, há de ferir-me

também. Mas estou em guarda! Não quero o seu conselho. Vou meter-me na política... na política, como seu adversário” (PINHEIRO, 2000, p. 181).

Bakhtin (2010, p. 89) afirma que “o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela”. De tal modo, a decisão do médico, de sujeito ativo, é de participar da política na perspectiva de contribuir para a renovação do espaço em que habita. O discurso do chefe político era aceito até então porque não tinha encontrado “resistência substancial e multiforme do discurso de outrem” (BAKHTIN, 2010, p. 86), não encontrava ninguém que o incomodasse nem contestasse. A resistência surge com o desafio do médico.

Ainda como consequência do referido processo judicial, acontece o enfrentamento de Aluísio com Oliveira. Com o discurso formal e racional, o bacharel rompe sua relação com o chefe político e deixa claro seu posicionamento de mundo:

É preciso que lhe diga uma coisa muito simples: - o Theotônio andou por aí dizendo que, no seu gabinete, você afirmava que às crianças fátuas, como eu, você tinha por hábito tratá-las como aos cigarros apagados. A frase é de fanfarrão e de coronel, mas, francamente, senti que me picava como um espinho. E, mais francamente ainda, nunca pensei que você – apesar de politiqueiro e de coronel – fosse tão leviano e tão ridículo! [...] Fique certo, e vou imediatamente pedir por telegrama a minha demissão. Não serei nunca Promotor Público numa comarca dirigida politicamente por um velho burlesco e imoral. Até logo. (PINHEIRO, 2000, p. 184-185).

Com esse rompimento, o bacharel não se curva ao sistema político representado por Oliveira que considerava o promotor como um fantoche, por ter sido ele indicado. DaMatta (1997, p. 206) no ensaio sobre a expressão “Sabe com quem está falando?” relata: “fico a pensar em certos homens presunçosos de minha terra, os quais só porque têm fortuna, posição ou algum parente importante julgam que são o sal da terra e vivem a perguntar: ‘- você sabe com quem está falando?’”. Esse pensamento corresponde à atitude de Oliveira que considerava ter o bacharel nas mãos, como um cigarro.

O processo foi analisado, não em uma audiência, mas em um acerto de contas que representava, de certa forma, novos acordos, isto é, ele foi arquivado em troca de duas dívidas financeiras no Empório Macauense, de propriedade de José Ribeiro. O rábula e o Juiz de Direito Amâncio saíam da lista de inadimplentes. Essa prática, um ajuste cultural, representa uma alternativa à vingança, mudança na resolução dos conflitos com racionalidade e tudo termina em harmonia, com troca de favores. Desse modo, a demonstração de uma falta de conduta coerente leva à observação de que nem sempre as leis são cumpridas, como o próprio Oliveira ironiza: “as magníficas vantagens do regime republicano!!!” (PINHEIRO, 2000, p. 219).

3. Harmonização entre homem e natureza

A cidade, categoricamente, é representada por um espaço que apresenta maior e diferenciado desenvolvimento social e cultural, pressupõe ser um ambiente civilizado, em que há progresso e pessoas de níveis de conhecimento e esclarecimento avançados e variados. Entretanto, no sistema capitalista, essa ordem muitas vezes é invertida porque o homem passa a ser conduzido pelos interesses do capital, que põem em choque as questões éticas, morais e o próprio desenvolvimento científico, criando assim a grande tensão da humanidade: ações de barbaridade onde se espera harmonia⁵.

Algumas pessoas mais sensíveis, ao entrarem em contato com a harmonia gerada pela natureza, encontram refúgio para o caos instaurado no ambiente urbano. No romance *Macau*, o leitor se depara com situação semelhante quando Aluísio vai ao Porto do Corão – região de salinas – durante a campanha eleitoral e tem imensa vontade de ficar porque se sentiu excessivamente ligado à natureza, mesmo com “a modéstia da casa, a grosseria da gente do povoado, a pobreza das refeições, a tristeza do vale em torno” (PINHEIRO, 2000, p. 212). Para Aluísio, o silêncio, o repouso e a simplicidade o faziam esquecer a agitação e as maledicências que o envolveram desde que retornou a Macau:

- Todos nós temos, na alma, bem no fundo da alma, essa ignota predileção pelo mato; esse singular desejo do mato. É talvez uma partícula de herança que reponta em todos nós, de vez em quando, que desperta em nós, civilizados, a vaga lembrança da floresta e da gruta onde viveram os nossos avós. É o grito do sangue! Eu sinto que já vivi nesta solidão, há muitos séculos, quando o mundo era digno de ser habitado, quando a vida era forte e pura, quando a alegria, o trabalho, o amor, a felicidade viviam nos corações dos homens, e Deus baixava sobre a terra, fazia nascer as sementes nas searas, amparava os enfermos, abençoava as criancinhas, guiava, como um doce pastor, os homens de boa vontade. (PINHEIRO, 2000, p. 212).

Aluísio conclui que, quanto mais o homem evolui, menos humano e sensível se torna. Suas reflexões e necessidades de voltar ao princípio (homem primitivo) mostram a necessidade da harmonia entre o homem e a natureza que é desfeita com o sistema capitalista. O Bacharel percebe que um alto nível de desenvolvimento nem sempre corresponde a alto nível de produção cultural, nem de humanização:

- Só hoje reconheço o erro da minha existência, e só hoje compreendo quanto é vil, odiosa, repulsiva, a minha carta de bacharel, essa carta que é como uma algema a prender-me os braços, que deviam manejar a enxada ou a vara de ferrão. Quanto retrogradamos através dos séculos! Deus nos abandonou desde que fundamos as cidades e fomos viver no veneno das cidades. O grande pastor repeliu o seu grande rebanho que uiva e se estraçalha e geme sob o egoísmo, a inveja, a prostituição, as moléstias, a

⁵ Graciliano Ramos, no romance *Vidas Secas* (1938) apresenta essa reflexão quando a personagem Fabiano, homem rude, dá exemplo de civilizado ao ensinar o caminho ao Soldado Amarelo que está perdido no mato. Já quando Fabiano está na cidade é vítima de selvageria na sua relação com o Soldado Amarelo. Isso mostra que a visão da cidade como exemplo de espaço avançado é relativizada.

miséria, todas as dores físicas e morais. Que lúgubre erro o da minha vida!

- Para que havia de dar você, neste momento! Para poeta! Para poeta, no Porto do Carão, numa terrível campanha eleitoral! Quer saber, Aluísio? Hoje mesmo, à noite, desceremos. Ora já se viu! Ô disparate! (PINHEIRO, 2000, p. 213).

A voz do advogado mostra uma rejeição ao presente e apego ao espaço rudimentar dos salineiros por considerar que só o contato com as origens liberta o homem da condição vil. Nessa subjetividade melancólica, Aluísio revela um posicionamento crítico à modernidade, ao desvendar seus aspectos negativos. Isso se justifica porque em sociedades pouco desenvolvidas materialmente surge com mais evidência a possibilidade de harmonização entre homem e natureza. Essa mesma ligação Aluísio sente quando passeia à noite pelo aterro, “uma faixa de terra de quase um metro de altura e cinco de largo – estendia-se longo e reto através das salinas até a gleba onde começava o sertão” (PINHEIRO, 2000, p. 215). Sente um espantoso mistério e solidão ao contemplar as salinas ao luar:

De espaço a espaço os montes de sal, no meio dos baldes, ou às margens das levadas, cintilavam lividamente. Os moinhos escuros, parados, erguidos, pareciam altos espectros assinalando o ermo sombrio. Ao longe, no horizonte, a terra sertaneja, nua e seca, ondulava numa branda colina; e sobre o enorme deserto – nas pirâmides de sal, nos moinhos quietos, na dolente imobilidade da argila estéril – baixava, desmaiada e fria, a claridade da lua. (PINHEIRO, 2000, p. 215).

A partir do lirismo de Aluísio diante do aterro, observamos os contrastes urbanos que o romance apresenta: a riqueza expressa pelas pirâmides de sal e a pobreza expressa pela terra seca do sertão, além da necessidade que o homem tem de criar um elo maior com o mundo e com a natureza.

Para Eagleton (2011, p. 09), “a narrativa que o marxismo deve oferecer é a história de luta dos homens e mulheres para se libertarem de certas formas de exploração e opressão”. Essa concepção, oportuna para a leitura do romance, fornece os elementos para esclarecer as sujeições que o próprio sistema impõe e para a apreensão de modos de reconstruir a harmonização entre os homens e a natureza.

3. Considerações finais

Ao analisarmos as diversidades de linguagens presentes no romance, damos conta dos lugares de falas que representam grupos sociais, seus costumes e como se relacionam. Representam assim os costumes de uma época em que o poder está explícito também na linguagem.

A pluralidade de diálogos instaurados na organização da teia narrativa revela tensões individuais e sociais que refletem também as tensões sociais da cidade, o jogo de interesse político e de poder, ou seja, um microcosmo da linguagem que reflete um macrocosmo da cidade. As linguagens de diferentes lugares e sujeitos expõem uma cidade sob a problemática da modernidade, a exemplo: a do comerciante, a do rábula, do promotor, da

fofoqueira, do contador de histórias, que refletem a coexistência simultânea de múltiplos sistemas ideológicos.

Aurélio Pinheiro faz uso intencional de algumas linguagens que se opõem, por exemplo, o rábula e o bacharel, para, indiretamente, expressar seu julgamento de valor quanto ao tema da política praticada nas primeiras décadas do século XX no Brasil, ao mesmo tempo em que apresenta a tensão entre a tradição e a modernidade. O romancista não marca desvio da língua nas falas das personagens, mas demarca traços de empobrecimento linguístico de alguns, por exemplo, o comerciante Esperidião Barbosa e D. Maria, a esposa do rábula, justificáveis pelo atraso social e cultural do meio em que vivem.

Agripino Grieco, ainda em 1935, no livro *Gente Nova no Brasil*, já destacava dois pontos importantes da linguagem no romance *Macau*: o primeiro é o caso do Esperidião Barbosa que viola um segredo por não saber o significado de uma palavra (sarcófago); o segundo, a fala “difícil” do rábula discursando no júri com uma colcha vermelha – ambos são frutos da ignorância provinciana.

A expressão “sabe com quem está falando?” analisada por DaMatta (1997), em diversos e diferentes momentos sociais também pode ser visualizada no enredo do romance. Um dos usos é para chamar a lei quando esta se faz ausente. Em *Macau*, identificamos esta situação quando o rábula tenta desestabilizar o promotor antes do julgamento, e Aluísio, com seu discurso coerente, indiretamente, usa a expressão ao colocar o rábula em seu lugar, exigindo respeito. Ao contrário, a expressão também pode ser usada para suspender a lei quando esta parece incomodar. No romance em estudo, percebemos essa ocorrência quando Oliveira planeja tirar Aluísio da promotoria e representa uma relação de distanciamento hierárquico entre os interlocutores ao usar a expressão “às crianças fátuas [...] tinha por hábito tratá-las como aos cigarros apagados” (PINHEIRO, 2000, p. 184).

O romance regionalista dos anos 30 pode ser visto, portanto, como “um instrumento poderoso de transformação da língua e de revolução e autoconsciência do país” (CANDIDO, 2002, p. 87). Assim, o romance consegue dar espaço a uma variedade de caminhos e multiplicidade social revelados pela linguagem.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini [et al.]. São Paulo: Editora da UNESP; Hucitec, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanete. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª. ed. Belo Horizonte, editora Itatiaia LTDA, 2012.

_____. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. Editora 34, 2002 p. 77-92.

_____. A nova narrativa. In: _____. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 199-214.

DAMATTA, Roberto. Teoria e Prática do “sabe com quem está falando?” In: _____. *Carnavais, Malandros e Heróis*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 187-238.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011.

GRIECO, Agripino. *Gente nova no Brasil: veteranos e alguns mortos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1935, p. 96-99.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6ª Ed. ver. atualiz. Curitiba: Posigraf, 2004

JUNIOR, Peregrino, *Panorama Cultural da Amazônia*. Publicações da Universidade da Bahia, V-12, 1960, p. 56

PINHEIRO, Aurélio Waldemiro. *Macau*. Natal: Edufrn, 2000

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). cidinhalettras_ufrn@yahoo.com.br

ⁱⁱ Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) hharauj@gmail.com